

Interlocução entre o Evangelho e a cultura digital: Caminhos para uma ciberpastoral

*Andréia Gripp*¹

*Mario Roberto de Mesquita Martins*²

Resumo: A cultura digital representa nos tempos hodiernos um desafio para o ser e o agir da Igreja: para cumprir sua missão de anunciar a mensagem do Evangelho a toda criatura (Mc 16,15), ela precisa habitar a “infosfera” (uma evolução dos conceitos “continente digital” e “ciberespaço”). As novas tecnologias geram uma mudança na forma como nos relacionamos em sociedade e criam padrões de comportamentos complexos que moldam o ser humano, inserido numa dinâmica de vida “onlife”. A pandemia de covid-19 explicitou essa realidade, trazendo-nos, de forma inesperada, o que se considerava “o futuro”. A necessidade do distanciamento social levou a Igreja a utilizar mais amplamente as tecnologias digitais para manter a unidade pastoral e possibilitar aos fiéis a continuidade da experiência da fé, agora em novo ambiente, não físico. A partir da pesquisa e análise bibliográficas, de autores e pesquisadores da Teologia, da Comunicação, da Sociologia e da Tecnologia, este estudo pretende apresentar perspectivas para uma ciberpastoral. A questão norteadora desta reflexão é a interlocução entre o Evangelho e a cultura digital. Concluímos que para que essa interlocução aconteça, faz-se necessário iniciar um processo de conversão pastoral, com reconhecimento da cultura digital e aprendizado de sua linguagem.

Palavras-chave: Cultura Digital; Evangelização; Ação Pastoral; Ciberpastoral; Igreja

INTRODUÇÃO

A comunicação, como afirma o Documento Igreja e Internet, no seu número 3, “é mais do que um simples exercício na técnica”. Ela “encontra o seu ponto de partida na comunhão de amor entre as Pessoas divinas e na sua comunicação conosco, e é na realização da comunhão trinitária que alcança a humanidade: o Filho é o Verbo, eternamente ‘pronunciado’ pelo Pai; em e mediante Jesus Cristo, Filho e Verbo que se fez homem, Deus comunica-se a si mesmo e a sua salvação às mulheres e aos homens” (Igreja e Internet, n. 3). Por isso, podemos afirmar que a cultura digital representa nos tempos hodiernos um desafio ao ser e ao agir da Igreja. Ao seu ser, porque compreendemos que a Igreja é comunicação. Ao agir, porque a essência da missão da Igreja é ir por todo o mundo e proclamar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). Fato que o documento Igreja e Internet também reafirma ao dizer que “Deus continua a comunicar-se com a humanidade através da Igreja, portadora e guardiã da sua revelação” (Igreja e Internet, n. 3). Para que isso seja realizado hoje, não é possível ignorar as novas tecnologias de comunicação e informação, que moldam uma nova cultura.

Nos tempos atuais, o cumprimento do mandato missionário de Cristo não se limita ao ambiente físico. O ser humano está inserido num novo “*bios*” e num novo “*ethos*” (SODRÉ,

1 Doutoranda em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Bolsista CNPQ. E-mail: andreagrippo@gmail.com.

2 Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-SP. E-mail: mroberto@paulus.com.br.

2012, pp. 21-27): o midiático digital. Habitamos a infosfera, um termo cunhado pelo filósofo Luciano Floridi para definir o ambiente em que vivemos na atualidade, “feito de informações, fluxos de dados e interações com softwares e sistemas automáticos, em um misto de analógico e digital” (FLORIDI, 2020)³.

Assim, o filósofo atualiza o termo ciberespaço, utilizado até então para definir a realidade virtual e que dava a ideia de que havia dois espaços separados em que habitamos: um físico e natural e outro virtual e inatural, exclusivo ao universo tecnológico e digital, onde “entramos e saímos como e quando queremos”. Citando Martino (2015, p.21 e 27), Gripp explica o sentido do prefixo ciber:

[...] é uma expressão que agregada a outras palavras atribui a elas um sentido novo, atrelado à Internet e tecnologias digitais. A noção original de *cybernetics*, “cibernética”, foi uma elaboração teórica da relação entre informação, comunicação e controle em sistemas específicos. A partir dessa ideia, Pierre Lévy vai cunhar o conceito de “cibercultura” para designar a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores multimídias, num espaço-tempo eletrônico, isto é, no ciberespaço (GRIPP, 2017, p. 16).

Floridi defende que essa separação inexistente atualmente e que “a infosfera é o habitat cotidiano para bilhões de pessoas, cada vez mais comumente”, não havendo uma dualidade relacional. “Só existe um ser, mas o ser é uma rede (não um conjunto de elementos, como maçãs no cesto), em que as relações constituem os nós, com articulações (o múltiplo) e transformações (o devir)” (FLORIDI, 2020).

É necessário, portanto, entender como essa mudança cultural influencia as relações humanas, inclusive com o divino. Isto acontece porque muda a percepção do indivíduo em relação à sua percepção da vida e da experiência religiosa. Para acharmos caminhos de integração da mensagem do Evangelho a essa nova realidade virtual/digital é necessário compreendermos a sua complexidade, que “provoca o surgimento de novos padrões de comportamentos, nova forma de se comunicar, novas sensibilidades e novas insensibilidades” (GRIPP, 2017, p. 11).

Devido à brevidade deste artigo, não será possível abordar o tema em profundidade, mas apresentaremos alguns pontos que consideramos prioritários para que iniciemos um caminho para a consolidação de uma ciberpastoral (reconhecendo que o termo já se encontra defasado, levando em consideração o que nos ensina Floridi, como já citamos anteriormente. Mas o adotamos neste artigo por ainda não encontrarmos outro que seja mais adequado).

3 Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604136-ser-humano-e-inteligencia-artificial-os-proximos-desafios-do-onlife-entrevista-com-luciano-floridi>

1 PARA UM NOVO SER HUMANO UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Toda evangelização é centrada na pessoa de Jesus Cristo que – como cabeça do corpo místico da Igreja – é o protagonista da missão; e no ser humano integral, destinatário privilegiado da ação pastoral. O anunciador não propaga a si próprio, mas o Evangelho de Jesus, que deve contribuir para uma mudança de vida de quem é alcançado por esse anúncio. Tal conversão deve causar no evangelizado uma abertura de coração, para um olhar diferenciado sobre o mundo, de modo que já não será capaz de ser indiferente às realidades sociais.

Na *Evangelii in unum* (PAULO VI, 1975) encontramos uma definição do que o magistério entende por evangelização. Diz o documento:

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade [...]. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios” (EN 18).

A cultura digital marca a sociedade neste tempo histórico e, por isso, o “ide por todo o mundo” (Mc 16,15) impulsiona a Igreja a integrar a mensagem do Evangelho à infosfera. Afinal, “nesse mandato está implícito que, para alcançar ‘toda criatura’, se utilizem todos os meios possíveis para proporcionar a concretização da evangelização” (MARTINS, 2015, p. 26).

Assim também entende a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, que incentiva a Igreja a dialogar com a sociedade marcada pela tecnociência, para iluminar a problemática humana e salvar o homem. Diz o documento:

é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático. (GS 04)

O Concílio Vaticano II ensinou que é preciso ler nos sinais dos tempos as necessidades do homem de hoje, para que a evangelização tenha sua eficácia. A Palavra de Deus não muda, mas a linguagem com a qual ela é apresentada e transmitida sim. Hoje se fala muito de mudança de época, que certamente atinge todos os setores da sociedade e o modo de pensar

das pessoas. Essas transformações profundas são de alcance global e não ficam restritas a um ambiente geográfico, causando um impacto direto na vida das pessoas, afetando seus critérios de compreensão e os seus valores mais profundos. Aqui está a importância de a Igreja acompanhar as inquietações provocadas por essas mudanças e respondê-las à luz do Evangelho. Em cada época, o homem passa por transformações que afetam sua relação com Deus, com o outro, com o meio ambiente e com todas as criaturas. Tais transformações podem ser percebidas em seus hábitos e também no modo de conceber a arte, a economia, a vivência de sua espiritualidade etc.

Nos tempos hodiernos, o homem está inserido num contexto cultural com muitas inovações tecnológicas e não está imune a elas. Uma chave de leitura para a cultura digital é a interatividade, fruto de uma comunicação não mais linear, mas sim, circular. Antonio Spadaro⁴ (2014) sustenta que a vida espiritual dos habitantes da infosfera, certamente, é “tocada pela dinâmica da cultura digital, que é interativa e imersiva. Imersos na cultura digital, acostumados com a interatividade, interiorizam a experiência eclesial somente se forem capazes de tecer um relacionamento interativo e não puramente passivo, receptivo” (MORAES, GRIPP, 2020, p.156-157). Neste contexto, as mídias digitais já não são um “meio” de comunicação apenas, mas são, como previu Marshall McLuhan (1964), uma extensão de sua da humanidade, essencial à vida social e à existência das pessoas.

Rogério Costa afirma que nos apropriamos da cultura digital de tal forma que ela já domina o nosso cotidiano, tendo a propriedade do nosso próprio existir e nosso modo de nos relacionarmos. Desenvolvemos uma capacidade de nos relacionarmos com inúmeros ambientes de informação. “Esses ambientes” – diz ele – “são também conhecidos como interfaces, pois se colocam entre os usuários e tudo aquilo que eles desejam obter” (COSTA, 2008, p. 13). Afirma o autor que

[...] o potencial de interatividade oferecido pelas interfaces digitais só fez acentuar o envolvimento das pessoas com as novas tecnologias. Isso é um prenúncio de que é interagindo dessa forma que elas estarão, daqui para a frente, fazendo mais coisas e dedicando mais tempo e atenção de suas vidas (COSTA, 2008, p. 15).

As novas tecnologias geram, portanto, uma mudança na forma como nos relacionamos em sociedade e criam padrões de comportamentos complexos que moldam o ser humano, inserido numa dinâmica de vida “onlife”, termo cunhado por Luciano Floridi para designar a vida na infosfera. Para o filósofo, não faz mais sentido perguntar se estamos online ou offline, conectado ou não conectado, porque estamos constantemente ao alcance, podendo ser geolocalizados continuamente pelo nosso celular, através de aplicativos diversos, bem como temos à disposição todas as informações do mundo constantemente, a apenas um clique de distância. Explica o autor: “Vivemos cada vez mais na foz do rio, ou seja, onlife, onde perguntar se a

4 SPADARO, Antonio. Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale. Disponível em: <http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale>. Acesso em: 26 jun. 2021.

água é doce ou salgada (se estamos online ou offline) não faz sentido, pelo contrário significa não ter entendido onde se está, porque ali a água é salobra” (FLORIDI, 2020).

Essa realidade foi explicitada pela pandemia de covid-19: de um dia para a noite migramos, sem muita dificuldade, de uma esfera de existência e relacionamentos físicos, para o digital, mediados por computadores e dispositivos móveis: comércio, serviços, contatos familiares, aulas, grupos diversos de partilha, trabalho e estudo, apresentações culturais, missas e cultos puderam ser produzidos e “consumidos” por meio das tecnologias digitais. O futuro nos chegou inesperadamente e pegou a muitos de surpresa. Alguns setores da esfera social, como muitas paróquias, que de certa forma ainda resistiam à realidade virtual, se viram sem alternativa de existência e manutenção de suas atividades sem o uso das tecnologias.

A Igreja precisou se reinventar em sua ação pastoral. E, embora isso já tivesse sido dito em diversos documentos do Magistério (por exemplo: “Igreja e Internet”; “Carta Apostólica O Rápido Desenvolvimento”; as mensagens do Dia Mundial das Comunicações; bem como, para citar um documento da Igreja no Brasil, o Diretório de Comunicação), a migração de atividades do mundo físico (presencial) para a internet durante a pandemia trouxe um despertar para o entendimento da realidade “onlife” já vivida pelo povo de Deus, com seus limites, desafios e potencialidades.

A questão que se põe no momento não é mais tanto o usar as mídias, aprender suas técnicas, adquirir tecnologias e equipamentos, mas o habitar o mundo digital. Eis a questão que ainda se impõe e para a qual caminhamos a passos lentos. O pedido feito por João Paulo II na Carta apostólica O Rápido Desenvolvimento de se “integrar a mensagem salvífica na ‘nova cultura’ que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam” (RD, 2005, n. 2), necessita ainda de um esforço de conversão pastoral.

Desde o Decreto Conciliar *Inter Mirifica* a Igreja tem caminhado na utilização dos meios de comunicação em sua ação evangelizadora. Os passos dados com um certo temor, ganharam na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* impulso e fundamento. Mas ainda há poucas pesquisas teológicas sobre o assunto. A pandemia mostrou que é preciso avançar para águas mais profundas, impondo à Igreja, para que possa oferecer um serviço à família humana, “escolhas que são reconduzíveis a três opções fundamentais: formação, participação e diálogo” (RD, 2005, n. 11). Destacamos este caminho, apontado por São João Paulo II, em 2005, por considerarmos que se mantém muito atual:

Em primeiro lugar, é necessária uma vasta obra formativa para fazer com que a mídia seja conhecida e usada de maneira consciente e apropriada. As novas linguagens por ela introduzidas modificam os processos de aprendizagem e a qualidade das relações humanas, razão pela qual sem uma adequada formação se corre o risco que ela, em vez de estar ao serviço das pessoas, as instrumentalize e condicione com grande incisividade. [...]

Em segundo lugar, gostaria de chamar a atenção para o acesso aos mass media e para a participação corresponsável na sua gestão. Se as comunicações sociais são um bem destinado a toda a humanidade, devem ser encontradas sempre formas atualizadas para tornar possível uma ampla participação na sua gestão, mesmo através de disposições legislativas oportunas. É necessário fazer crescer a cultura da co-responsabilidade.

Por fim, não se devem esquecer as grandes potencialidades que os *mass media* têm ao favorecer o diálogo, tornando-se veículos de conhecimento recíproco, de solidariedade e de paz. Eles constituem um recurso positivo e poderoso, se forem postos ao serviço da compreensão entre os povos; se forem usados para alimentar injustiças e conflitos, tornam-se ao contrário uma “arma” destruidora (RD, 2005, n.11).

2 TUDO O QUE É VERDADEIRAMENTE HUMANO RESSOA NO CORAÇÃO DA IGREJA

A cultura digital é a cultura de uma sociedade em rede, conforme define o sociólogo Manuel Castells (2003, p. 07). Esta sociedade compreende um sistema de computadores interligados por meio da internet, mas que não é constituída somente de máquinas e fios, mas sim por pessoas. Para Castells, a cultura é “um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais” (CASTELLS, 2003, p. 34). Esse conceito de cultura define os produtores da internet como influenciadores na formação da opinião dos usuários em reflexões que os façam criar boas impressões, ou não, de instituições e até criar novos padrões de comportamento.

Esta é uma realidade que diz respeito à Igreja, porque como os padres conciliares afirmaram no início da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. (GS 01)

Um dos sinais dos tempos que precisamos estar atentos hoje é a existência híbrida, na qual a barreira entre real e virtual caiu, pois, como já vimos anteriormente, não vivemos mais uma realidade dualista “on-line” e “off-line”, e isso não ocorre sem consequências. O ser humano ganha com essa realidade a proximidade virtual, que o conecta com as mais variadas pessoas e acontecimentos, em qualquer horário, e em qualquer parte do mundo. Mas também, cria uma necessidade de estar disponível todo o tempo, 24h por dia, causando um estresse e desgaste emocional. Não há mais limites entre o privado e o público e as relações humanas se tornam, de certa forma, regidas por valores de mercado, seguindo padrões algoritmizados.

Isso exige da Igreja uma conversão pastoral capaz de reconhecer as potencialidades das novas tecnologias, mas, também, as necessidades do homem digital (*homo digitalis*), marcado pelo individualismo, autocentrismo e relacionamentos fluídos.

A ciberpastoral não é, portanto, uma pastoral dos meios. Pelo contrário: ela não pode ser pautada na tecnologia, mas no ser humano. Pensar uma pastoral digital é pensar no ser humano e nas relações humanas, mediadas, sim, pelos instrumentos, mas não reduzidas a eles.

Sobre isso já nos falava a *Gaudium et spes*:

Entre os principais aspectos do mundo atual conta-se a multiplicação das relações entre os homens, cujo desenvolvimento é muito favorecido pelos progressos técnicos hodiernos. Todavia, o diálogo fraterno entre os homens não se realiza ao nível destes progressos, mas ao nível mais profundo da comunidade de pessoas, a qual exige o mútuo respeito da sua plena dignidade espiritual. A revelação cristã favorece poderosamente esta comunhão entre as pessoas, ao mesmo tempo em que nos leva a uma compreensão mais profunda das leis da vida social que o Criador inscreveu na natureza espiritual e moral do homem. (GS 23)

A conversão pastoral no contexto da cultura digital, portanto, consiste primeiramente na superação da visão e leitura simplesmente instrumental dos meios de comunicação (MORAES, GRIPP, 2020, p. 156). Em segundo lugar, mas nem por isso menos importante, está o entendimento acerca do protagonismo dos indivíduos, que não são mais somente destinatários, mas são produtores de conteúdo e de sentido, num contexto de comunicação dialógica e circular. Essa compreensão é importantíssima.

Já não vivemos na era da comunicação do púlpito, na qual o emissor fala e uma massa escuta, sem interação. Na era da cultura digital, cada pessoa é um ponto importante na rede de comunicação que se forma na sociedade. A ciberpastoral é, portanto, a pastoral do Povo de Deus, onde todos os fiéis batizados são convocados à missão.

Faz-se necessário criar um projeto pastoral para que todo o Povo de Deus tenha condições de se reconhecerem “como pessoas a quem o Senhor envia, apaixonadas por Ele e de

tudo aquilo que são chamadas a comunicar sobre Ele, testemunhas da beleza de encontrá-lo e fazê-lo ser encontrado, sem que isso gere a paradoxal contradição de uma espécie de indiferença ascética⁵ (MORAES, GRIPP, 2020, p. 157).

Ao compreendermos que a evangelização no mundo digital está inserida numa cultura própria, faz-se necessário, também, participar da vida dos evangelizados no ambiente em que se encontram e, a partir de sua cultura, entender sua linguagem, o que eles têm por valores etc., pois, compreendendo bem o campo de missão, será possível alcançarmos mais possibilidades de entrar na dinâmica de vida das pessoas e ter credibilidade para realizar a ação pastoral (MARTINS, 2015, p. 33).

Neste caminho, o Papa Francisco nos aponta uma metodologia, que chamou de “vem e verás”, inspirada em Jo 1, 46: um estilo de comunicação fundamentado na proximidade. Numa continuidade da reflexão acerca da cultura do encontro, o pontífice apresentou essa dinâmica na Mensagem para o dia Mundial das Comunicações de 2021. Nesta perspectiva, a ciberpastoral deve estar inserida na “narrativa expressiva de vida”. A comunicação da fé precisa acontecer de forma direta, priorizando o testemunho e o ser humano, porque o Evangelho deve ser vivido na própria existência. O Papa ensina que a fé cristã começa e é comunicada “com conhecimento direto, nascido da experiência e não por ouvir dizer” (FRANCISCO, 2021). Sobre isso, afirma Gripp:

“Vinde ver” é comunicar a vida, vivendo; é comunicar o amor, amando; é comunicar o perdão, perdando. É uma comunicação sensível, não tecnicista, não instrumentalista. Ou seja, não comunicamos o Evangelho usando técnicas apenas, é muito mais do que isso. Limitarmos a evangelização ao uso de instrumentos é um grande reducionismo: evangelizar, seguindo o exemplo do Mestre, é envolver o outro numa experiência, num diálogo, numa narrativa. “Por essa razão”, afirma o Papa, “o ‘vem e verás’ era e continua a ser essencial”. (GRIPP, 2021, p. 18.)

A necessária conversão pastoral, que possibilitará uma efetiva ciberpastoral, passa por uma redefinição de prioridades das decisões, que não pode estar centrada nos meios, mas, sim, nas pessoas. Três palavras ganham destaque: curar, cuidar e compartilhar (CZERNY, 2020, p. 14). Curar superando a indiferença, o ódio, o conflito, o desconhecimento e o preconceito. Cuidar a partir do respeito, da estima, da solicitude, do reconhecimento do valor e da dignidade da pessoa humana em si. E compartilhar para superar o individualismo e viver a solidariedade.

5 Por indiferença ascética os autores entendem “a construção de um processo de espiritualidade na qual o indivíduo religioso sente a necessidade de um construir um vínculo tão grande com Deus, levando o que aparentemente são seus preceitos tão a sério, que acaba por não ser capaz de perceber, compreender e legitimar a experiência religiosa de quem não está fazendo o mesmo caminho que o seu” (Nota de rodapé nº 31 do artigo citado).

Para tanto, será necessário que a Igreja e seus agentes firmem um compromisso com a comunicação verdadeiramente pastoral, não tecnicista, não instrumentalista; e tenham responsabilidade e discernimento nas escolhas feitas no cotidiano da vida, pois todos são responsáveis pela comunicação que fazem, em nível pessoal (testemunho) e institucional. Dessa postura sensível, responsável e ativa de todos os batizados depende a evangelização da cultura digital.

CONCLUSÃO

Ao final deste artigo, concluímos que para que aconteça a interlocução entre o Evangelho e a cultura digital faz-se necessário iniciar um processo de conversão pastoral, com reconhecimento da cultura digital e aprendizado de sua linguagem; assim como pela compreensão de que a comunicação é parte constitutiva do ser e do agir da Igreja.

Este processo não deve ser de cunho tecnicista, tendo os meios como objetivo da ação evangelizadora. É preciso avançar para uma cibercultura que tenha o ser humano como foco principal, pois a sociedade em rede, tecida pelas novas tecnologias, não é formada por um emaranhado de fios, mas por pessoas humanas, com suas dores e alegrias, desafios e sonhos. A elas deve falar a Igreja e testemunhar o amor salvífico de Deus.

A construção de uma ciberpastoral passa, necessariamente, pelo entendimento da cultura digital e sua complexidade. Para tanto, a Igreja precisa estar atenta aos sinais dos tempos e ser solidária ao ser humano em sua história, identificando na cultura digital o que ela possui de positivo e negativo, para que possa exercer sua missão de anunciar o Reino de Deus aos homens e mulheres deste tempo. Para fazer isso, necessita romper com a comunicação linear, de púlpito, e assumir uma comunicação circular e dialógica, fundamentada na proximidade e no testemunho.

REFERÊNCIAS:

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CZERNY, Michael. Prefácio. In: *Vida após a pandemia*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. Disponível em: <https://bityli.com/2M-vCd>. Acesso em: 26 jun. 2021.

COSTA, Rogério, *A Cultura Digital*. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

FRANCISCO, Papa. “Vem e Verás” (Jo 1, 46). *Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são. Mensagem para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em: <https://bityli.com/309Ig>. Acesso em: 26 jun., 2021.

FLORIDI, Luciano. *Ser humano e inteligência artificial: os próximos desafios do onlife*. Entrevista com Luciano Floridi. Disponível em: <https://bityli.com/BUKEk>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GRIPP, Andréia. *A Igreja diante da cultura midiática digital: desafios, caminhos e perspectivas*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

_____. “Vem e Verás” Jo 1, 46: um estilo de comunicação fundamentado na proximidade. *Revista Caminhando*, Ano 35, Nº 350. Diocese de Nova Iguaçu, maio 2021.

MARTINO, L. M. Sá. *Teoria das Mídias Digitais. Linguagens, ambientes e redes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MARTINS, Mario Roberto de Mesquita. *A evangelização na cultura digital*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de São Bento de São Paulo, 2015.

MORAES, Abimar. GRIPP, Andréia Durval. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. *Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap*. [S.l.], v. 3, n. 1, p. 145-167, jun. 2020. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1640>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Disponível em: <https://bityli.com/vEzi6>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PONTIFÍCIO CONCELHO PARA AS COMUNICAÇÕES. *Igreja e Internet*. Disponível em: <https://bityli.com/7Lq0F>. Acesso em: 26 jun., 2021.

SPADARO, Antonio. *Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale*. Disponível em: <http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale>. Acesso em: 07 dez. 2019.